

BATMAN - O RETORNO DA VIOLÊNCIA NA ORDEM ENA DESORDEM

—▽—
Andréia Borges Leão

I - INTRODUÇÃO

“O sujeito que fala aqui tem a reconhecer uma coisa: gosta de sair do cinema”. Roland Barthes

Sair do cinema é como abandonar um estado de semi-hipnose. O espetáculo fascinante de pouco mais de duas horas, a indolência produzida pelo escuro da sala, a mobilidade e o colorido das figuras desfilando aos nossos olhos, sem que façamos nenhum esforço da poltrona de espectadores, colaboram para o relaxamento dos sentidos. Sem que percebamos, no decorrer da projeção, irrompem reflexões atentas. Com uma preguiça no corpo, saquinho de pipoca na mão e algumas idéias na cabeça, ficamos siderados por todo esse “festival de afetos a que chamamos filme” (BARTHES, 1980). Foram essas sensações que experimentei ao assistir à película “Batman - O Retorno”.

A significação do filme, no entanto, ultrapassa a recepção do espectador comum, sugerindo uma abordagem de cunho sociológico. A proposta do presente ensaio é elucidar alguns aspectos da violência que perpassam a temática do filme “Batman - O Retorno”. Aspectos estes reveladores de uma distribuição espacial que tem como principal efeito a produção de universos de sentido ao mesmo tempo singulares e diferenciados: os códigos do mundo da casa e os códigos do mundo da rua. Nessa perspectiva, o filme parece emblemático para a compreensão dos mitos contemporâneos. Como tal, será abordado enquanto documento sociológico relevante no desvendamento da trama social e valorativa de nosso tempo. Algumas passagens da história e dos

personagens principais que a compõem - Batman, Mulher-Gato e Pinguim -, serão analisados dando-se um enfoque à temática manifesta do filme. Foge às minhas pretensões desenvolver um estudo semiológico ou psicanalítico, do roteiro do filme ou da intenção do autor. Considerarei uma das possibilidades de sentido, entre tantos, priorizando a trama enquanto textura de sinais sociais. Como se sabe, em cada tempo social emergem construções míticas passageiras ou duradouras, com seus valores e heróis. Diante disso, um tratamento mitológico será dado à história dos super-heróis/anti-heróis. Visto que, o mito não esconde e nem evidencia nada; ele deforma, visa eternizar e naturalizar as coisas. Todos os três personagens serão encarados enquanto mitos contemporâneos e suas histórias como uma mitologia bastante "cara" a nós ao final do século XX. A trama que os envolve é enormemente sugestiva e levanta indagações como: Qual é o uso social que se faz do mito?

Nas "mitologias", Roland Barthes (1959) define que o mito contemporâneo é uma fala que encerra um modo de significação com limites históricos bem definidos. A mensagem mítica é um modo de significação que investe toda a sociedade. Ou melhor, o mito é uma fala escolhida pela história, não é algo advindo da natureza das coisas e não é obrigado a ser oral, pode travestir-se da forma escrita ou de representações (imagens, no nosso caso). O cinema é um móvel suscetível de servir de suporte à fala mítica. Os personagens objetos da análise são ricos e sobretudo míticos por portarem um quadro de mensagens, por significarem algo importante para a compreensão dos valores contemporâneos, ao mesmo tempo que evocam diversas noções constituintes do nosso sistema cultural.

Plenos de significações, esses personagens saem das telas e tornam-se mitos, após passarem por um ritual de conversão: Selina semi-morta transforma-se em mulher-gato viva, por exemplo. A partir da interferência dos gatos, expressa-se uma função significante bastante clara: dá-se a quebra, a ruptura com o sistema moral e sexual instituído, o qual confere à mulher um lugar "desprivilegiado" face ao mundo masculino. Ao mesmo tempo a transmutação em anti-heroína, disseminadora do caos e da desordem, opera um deslocamento, pelo avesso, em relação aos papéis sociais estabelecidos. Deste modo, ainda segundo BARTHES (1959), o significante do mito apresenta-se de modo ambíguo; é simultaneamente sentido e forma, cheio de um lado, vazio de outro. A forma coloca o sentido em suspenso.

A metamorfose de Batman, por sua vez, recorre à máscara, à capa preta, ao uso da caverna mal-assombrada, ao cinto de onde tira suas armas como objetos de mutação. Ao contrário da forma, o conceito é prenhe de significações abrindo-se à toda a história. A tarefa de decifrar estes mitos impõe a aventura de operar com algumas noções e conceitos essenciais.

II - O MITO MAIS UMA VEZ RETORNADO

Gotham é uma cidade fria e mal iluminada. Reino da impessoalidade, artificial nas regras do contrato coletivo e artificial em sua iluminação. É palco de uma população ordeira e passiva aos acontecimentos que por lá se desenrolam, ao mesmo tempo em que, extremamente violenta, é tomada por desordeiros, pelos fora-da-norma, desagregadores da coesão social. Sugere, aos que a contemplam do outro lado da tela cinematográfica, um ambiente sinistro de desenho gótico e ar pós-industrial. Tudo o que lá se passa assume o mistério próprio das sombras.

É Natal, os habitantes movimentam-se para as compras e preparativos das festas de fim de ano, trafegam anonimamente por entre as decorações e os diversos motivos que ornaram as ruas e avenidas centrais. Desviam-se dos becos mais escuros e escondidos onde agem os malfeitores. Numa mansão nasce uma criança defeituosa. Os pais, donos de uma grande fortuna, porém desgostosos, jogam-na nas águas turvas do esgoto. Como na história de Moisés, a criança é salva, só que pela comunidade de pingüins do zoológico local. Trinta e três anos depois, essa criança é Pingüim, o homem-natureza, espécime raro que traz inscrita no corpo uma aberração genética: pés e mãos de animais. - Sua alma porta o perigo de constituir-se uma "deformação" da cultura. O mundo do espetáculo o adota. Pingüim cresce dentre os animais subterrâneos, para posteriormente ser abrigado pela turba circense. Vindo das trevas, planeja vingar-se da sociedade, atentando contra o sono e a paz das criancinhas. Pretende raptá-las em massa, condenando-as ao sofrimento de se tornarem pingüins como ele. É um personagem circense e por isso sua aparência assemelha-se à de um autêntico palhaço, embora o cômico de sua figura se mescle do repugnante; - de sua boca escorre um líquido preto, que o identifica com o horror. Vindo do esgoto, e portanto sendo originário do mesmo subterrâneo dos animais, trapezistas, coringas, malabaristas, Pingüim desloca-se através de pulos e cambalhotas, fazendo ecoar na superfície da cidade o frêmito de sua quadrilha. Vive o crime, aspira à desordem, sua alegria é contagiante, fascina e horroriza simultaneamente. Seu mais ambicioso plano é assumir a prefeitura de Gotham City, a fim de concentrar a atenção pública sobre si e, com isso, provar sua potencialidade para "boas" intenções e ações. Através da candidatura a prefeito, o homem-pingüim busca integrar-se à sociedade na condição de pessoa normal, eliminando, deste modo, o incômodo de sua diferença física e moral. Mas traz a perversidade dentro de si. Elaborar, dentre seus companheiros, planos aterrorizantes, planos espertamente diabólicos, através dos quais alia-se ao rico empresário Max no controle da cidade. Seu prazer é disseminar atos contraventores, pequenos e grandes germes de revolta e dissidência.

No outro lado de Gotham City, Max, o rico empresário, símbolo da avarizia e da falta de escrúpulos, pretende construir uma usina nuclear capaz de abastecer toda a população. Num prédio de vários andares, em meio aos negócios espúrios de Max, a secretária Selina docilmente recebe e executa ordens, além de submeter-se às conquistas e investidas amorosas de seu patrão. Tudo transcorre no melhor dos sonhos produtivistas da "american way of life" até que, uma noite, ao chegar a casa cansada de mais um dia "cumprido" no trabalho, Selina percebe ter-se esquecido de um importante documento no escritório. Para lá retorna, com o objetivo de apanhá-lo. Ao chegar, vasculha os arquivos e depara-se, atônita, com as irregularidades contidas no Projeto de seu patrão. Devido à sua interferência, acaba por tornar-se cúmplice dos negócios ilícitos de Max. Este, no mesmo instante, aparece e a intimida com ameaças de morte, caso ela venha a tornar público o que descobriu. Levando-a próximo ao parapeito de uma janela, empurra-a de uma altura do trigésimo quarto andar. Durante a queda, Selina é salva pelos toldos dos andares precedentes, que abrandam o impacto de seu corpo sobre a neve. Aos poucos vão chegando, em grupos, gatos da noite que, num ritual lento e cheio de minúcias, lambem cada ferida da mulher ainda desacordada. Opera-se uma transmutação: da secretária ingênua e exemplar cumpridora de seu ofício emerge, das sombras projetadas pelos felinos, a perigosa mulher-gato. Já com uma disposição interior que confere força às ágeis criaturas da noite, Selina volta a seu apartamento e o destrói por completo. Bebe, aos sorvos, todo o leite de seu animal de estimação e com os olhos avermelhados, revoltada com a natureza masculina, a mulher-gato cose sua nova indumentária. Tudo é preto - máscara e capa - e cheio de costuras grosseiras e mal-acabadas, dando a impressão mais pura da desordem. O disfarce de gatos compõe-se também de um chicote que, em ação, é realçado por grandes e desafiantes garras. Efervescente, a mulher que não é gata, mas gato, emprega sua indomável fúria na desestabilização da pacata vida de Gotham City.

Pingüim, emergindo do subsolo, e Selina escapando da morte para transformar-se num ser de sete vidas, compõem a trama do filme "Batman - O Retorno", no qual os dois vilões se tornam personagens perfeitos para enfrentar o homem-morcego.

Do lado sofisticado de Gotham City, Bruce Wayne encarna o típico empresário americano bem-sucedido no mundo dos negócios. É o tipo que um dia "venceu" seus infortúnios, através de uma existência pontuada por boas ações. Quando criança, na saída do cinema, presenciou o assassinato de seus pais por dois ladrões. Acontecimento que, desde então, o investiu da missão de combater o crime e velar pelo ordenamento social. Travestido de morcego, portanto metamorfoseado em super-herói, amplia a vingança para o combate do crime em geral. Tudo dele vem da Batcaverna - nome dado à sua casa - e de seu fiel mordomo Alfred, que o auxilia na construção e na manutenção de sua identidade de Batman. A Batcaverna é um misto de casarão mal-assombrado, rodeado de velas e

morcegos e de um grande artefato eletrônico com várias telas por onde o herói observa o que deseja. Bruce parece ter saído do romance *1984* de George Orwell, pois, na aventura da disseminação do bem, mune-se de vários computadores - teletelas - que lhe dão uma visão geral do movimento da cidade. É no Batmóvel, veículo de comunicação entre a mais oculta intimidade e o mundo, que se guarda o grande segredo das armas.

Também chamado "dono das trevas", o homem-morcego é um personagem vigilante da ordem, como um poderoso pilar de sentido na estrutura da "american way of life". Fantasiado, o solitário herdeiro Bruce Wayne lança-se num vôo rasante sobre o cotidiano pacato da cidade, a fim de instaurar a normalidade onde esta esteja ameaçada. No entanto, a população pergunta-se: quem é Batman, amigo ou inimigo? Por breves momentos, o herói inscreve-se na dubiedade da condição de dissidente. Esta dubiedade persiste apenas por breves momentos, pois logo o morcego retorna ao estatuto de defensor da paz social. Desfrutada a ambigüidade, a figura do herói novamente congela-se no emaranhado dos fios da moral disciplinar. Petrifica-se na monotonia da vida, na calmaria harmônica do estado de coisas vigentes. Uma vez imerso na ideologia da coesão e imutabilidade social, relaciona-se com Pingüim e a Mulher-Gato de modo bastante peculiar.

O encontro entre Batman e o homem do subterrâneo se dá no momento em que este vai ao cartório para pesquisar sua origem e saber de seus verdadeiros pais. A partir daí, sabendo das investidas de Pingüim contra os interesses coletivos, declara-o seu inimigo número um. Mais tarde, encontra-se com a Mulher-Gato durante a cena de um estupro. A indomável felina "salva" uma mulher das mãos de um malfeitor, arranhando-o e fazendo-lhe uma cruz no rosto. Liberta a mulher, recomendando-lhe mais cuidado com os perigos da noite. Logo após, dois policiais tentam prendê-la e aí surge Batman, que, num misto de fascínio e horror, luta violentamente contra ela nos telhados de Gotham. Traiçoeiramente, como os da sua espécie, a Mulher-Gato fere o super-herói, quase ocasionando-lhe uma queda do telhado de um prédio. Insurgindo-se contra Batman, insurge-se contra tudo o que ele representa. Assim, estão dispostos todos os elementos necessários para o desenrolar do filme. O resto da história será contado ao longo do estudo deste mito mais uma vez retornado: Batman e seus Adversários.

III - O PARADOXO DA VIOLÊNCIA E OS ESPAÇOS PRODUTORES DO SENTIDO DE ORDEM E DESORDEM

"A vida que segue, teimosa e irreprimível, nos impulsiona".

(Michel Maffesoli)

O tema da violência em Maffesoli é de especial relevância para uma caracterização mais definida dos personagens em questão, bem como da trama

que os envolve. Ao tomar a violência enquanto um dado estruturante do social e suas modulações enquanto algo comum do fenômeno humano, pode-se inferir que o super-herói Batman inscreve-se no campo da dissidência assumindo o estatuto de mito da ordem. Postulando, na qualidade de mito, a imobilidade e o esvaziamento do real, representam o monopólio da violência por uma estrutura dominante, da qual é parte e sobretudo responsável por sua preservação. Simbolizando a defesa do estabelecido, na condição de duplo de Batman e de empresário bem-sucedido porta um traço bem marcado pelo conservadorismo. Relaciona-se com o tempo de modo a suprimir o presente; ancora-se no passado ao tentar restaurar sua origem através da vingança, ao mesmo tempo em que vive o instante a partir do futuro, de um objetivo a alcançar. É antianômico, antiinfame, o que o torna mensageiro da conformação e do pacto com a civilização e a cultura. Este personagem porta-voz da civilidade, leia-se o conjunto das regras da “boa” conduta, ao descortinar o mundo a partir das noções de ordem e desordem, opera uma conversão do juízo moral em regra pública. Por constituir toda a sua ação na referência ao aconchego da casa - a batcaverna é o lugar por onde escoo todo o seu potencial bélico -, o homem-morcego parte em busca da moralização social a partir da intimidade. Pensa a sociedade pelas categorias da vida privada, estabelecendo, como assinala Vera Telles (1991), uma confusão entre ordem legal e ordem moral. O que o permite identificar ou elaborar a identidade de um outro diverso de si, o qual, “por sua diferença enquanto estilo de vida e forma de existência, está fora das regras da vida social e que, por isso mesmo, deve ser mantido a distância, sob vigilância (TELLES, 1991)”. Da ação contra o irreduzível, o excesso e a inquietação do homem-pingüim e da mulher-gato. Deste modo, nosso herói, protetor temido e respeitado pela população, passa a operar com noções bipolares com pretensões de delimitar claramente o proibido do permitido, a razão da desrazão, o *justo*, o interdito do civilizado, enfim, o bem do mal. Enquanto os seres heterogêneos, os diferentes, constituem-se móveis diretos da violência, aquele que se propõe espalhar a ordem tornando-se repassador do idêntico, do homogêneo, veicula uma passividade potencialmente mortífera. Age com o intuito de normalizar as zonas obscuras do social, zonas privilegiadas para a eclosão da dissidência, a fim de que desapareçam em benefício de um estado “utópico” de asséptica solidariedade coletiva. O lema do nosso herói é o combate ao crime e a instauração ou conservação da paz social. Pois a ordem instituída não deve tolerar o menor sinal de sombras, e se, por acaso, o obscuro insistir, deve ser codificado, delimitado em seus efeitos, a fim de ser melhor controlado. Em suma, poderemos associar Batman ao mito de Penteu, o bom administrador e guardião da ordem estabelecida, ordem esta que existe porque transfere para o futuro os “prazeres da vida”; começa a racionalizar a existência, protegendo-se dos excessos do instante, contendo os transbordamentos vitais das forças que atuam no presente. Protegendo-se contra o presente, “luta com todas as suas forças contra a irrupção aterradora” (Maffesoli, 1987).

Ao contrário, os personagens Mulher-Gato e Pingüim, através de seus atos desconformes e sobretudo do que significam suas figuras em si mesmas, simbolizam a luta pela vida e o trágico confronto com o destino. São extremamente violentos na concepção de Maffesoli; suas ações se passam no âmbito da heterogeneidade, da movimentação, da dor e da criação. São seres diferentes, seres geradores da dissidência ao mesmo tempo em que emanam vida. Pingüim emerge do esgoto sujo e escuro, bem do centro da violência, onde tudo é marcado pela força criativa da efervescência. O que faz pulsar o corpo social, ainda na concepção do sociólogo, é o rumor que vem do burburinho subterrâneo, lá na metade maldita do corpo coletivo onde o crime se produz e onde pulsam as convulsões de difícil controle. O lugar do bobo destruidor é o lugar da desordem e do êxtase, da alegria contagiante e da destruição aterrorizadora.

No pensamento de Maffesoli, a violência é concebida enquanto algo constituinte de um processo comunal. Entretanto, quando é exercida por um só, torna-se diretamente ameaçadora, alia-se à obediência, confortando o poder. A dissidência só poderá ser compreendida se a abordarmos num duplo movimento de destruição e construção. Ela pode sinalizar uma desestruturação social que tem como efeito e correlato uma nova construção: a construção de uma nova ordem. A estruturação social é fundamentada por um incessante vaivém entre a ordem e a desordem. O desvio, a anomia conferem equilíbrio e integram-se ao funcionamento do conjunto social. Assim, a transgressão, a desordem e a efervescência, em suas diversas modulações, constituem-se reveladoras de um desejo de viver irrimediável.

Voltemos mais uma vez ao Pingüim. Nosso anti-herói, emissário do mundo subterrâneo, desconforme à compartimentalização da norma, aberração genético-cultural, traz à tona todos os paradoxos da violência: "seu aspecto infernal, demoníaco, remete a uma simbiose de forças, de energias que cria e renova a estruturação social". A violência é esgotante. Transborda as regras da vida comum. A vida coletiva é um escorrer constante dos atos de dissidência. Invocando uma antropologia da dissidência, Maffesoli resume seu pensamento afirmando que as manifestações anômicas são índices relativamente estrondosos de uma relação social que se procura; em todas as formas de revolta existe a esperança de uma estruturação social alternativa. No entanto, se os fenômenos da dissidência permitem a coesão social, eles têm um elemento conservador que assegura a vigência do equilíbrio. A violência nunca é somente relacionada à destruição absoluta, ela entra no jogo da negociação, adaptando-se e conformando-se, caso se faça preciso assegurar o funcionamento social.

Pingüim, o personagem transgressor, é insatisfeito em relação a uma dada situação. A conduta transgressora do "homem-natureza" é determinada pela existência de seu oposto: uma ordem absoluta. Nega a normatividade

referenciando-se nela. Sendo uma aberração da natureza, evoca a desordem, baseando-se na ordem, pois ressentido com a população de Gotham, seu mais urgente desejo é integrar-se aos códigos do convívio social. Como foi abandonado pela família, seu desejo é o retorno à família dos homens, não a de pinguim da qual fez parte durante tanto tempo. Batman, o justiceiro, ao mover-se da vingança dos assassinos de seus pais igualmente reforça o estabelecido, o sistema moral do qual faz parte. Tanto herói quanto anti-herói remetem-se à perda do aconchego doméstico, originam-se e retornam a casa - o esgoto familiar e a batcaverna -, operam com códigos da vida privada mesmo quando fazem leituras do mundo da rua. Suas leituras são sempre feitas pelo ângulo da casa: proteção e desproteção, cuidado e abandono, conservação e destruição. Pinguim parece ser um personagem ao mesmo tempo anômico e conservador. Embora seja o "outro", o espetáculo, o objeto tornado de difícil assimilação, vindo dos confins sociais, não consegue colocar a razão em apuros. Pelo contrário, o burburinho, a movimentação e o estrepitar vindos do subterrâneo parecem ser sufocados pelo empenho de Pinguim em galgar o cargo de administrador público. E o que é mais revelador: alia-se ao poderoso empresário Max.

Talvez possamos falar da existência, na história de "Batman - O Retorno", de uma geografia social do mito. Batman e Pinguim falam a partir da intimidade - do esgoto e da caverna-: a mulher-gato, a partir da rua. A essa compartimentalização, Roberto Damatta (1985) chama de espaços universais produtores de sentido. Batman, por exemplo, aciona uma operação de elementos preconceituosos, através dos quais julga valorativamente os indivíduos a partir da ótica da moral privada. Ao justificar a mítica da proteção, da defesa e do cuidado em relação à população presumidamente em estado de equilíbrio e coesão, nosso super-herói "ataca" as figuras do "outro" que, "por sua diferença enquanto estilo de vida e forma de existência, está fora das regras da vida social e que, por isso mesmo deve ser mantido a distância, sob vigilância" (TELLES, 1991). O temor parece concentrar-se nos agentes da desordem e da insegurança - Pinguim e seus companheiros circenses -, associados à idéia de um bando portador e instaurador da sua própria lei.

Se Pinguim é um personagem anômico, a mulher-gato é um ser infame, possível de constituir-se como vetor de antecipação de um novo ordenamento social. Salta aos olhos a expressão confusa da indomável felina, o que nos leva a indagar até que ponto seu prazer de destruir é a garantia de um desejo de construção, mostrando-nos "a força daqueles que recusam-se a se submeter" (MAFFESOLI, 1987). Por ser diferente, portanto dissidente, a mulher transmutada em gato porta o perigo das subversões localizadas, as quais de tão tóxicas e maleáveis podem generalizar-se, pondo em risco o corpo social, tudo dela vem da rua, sua figura em ação torna-se quase um atentado à segurança caseira. E, conforme estabelece Roberto Damatta (1985), o espaço da rua espelha uma ordem

baseada na impessoalidade, na desproteção, no anonimato, na insegurança e sobretudo na ética do "salve-se quem puder"; espaço físico e simbólico da perda, como nos lembra Marta Esteves (1989). Deste modo, a mulher-gato simboliza o próprio enfrentamento do trágico, o confronto direto com o presente - tempo privilegiado da violência criadora. É a consolidação do ato transgressor que, de tão inquietante, não se pode manter por muito tempo: "Desordenada, explosiva, regular, multiforme, a revolta escapa ao mecanismo de representação" (MAFFESOLI, 1987). É a efervescência da dissidência, metade desagregadora da violência. Mulher-Gato relaciona-se com Batman através da aversão. Com Pingüim, através do contraste. Induz à rebelião, à revolta latente, à ruptura e ao inusitado. Energia viva, nas sombras, debate-se contra o homem-morcego, insurgindo-se contra os efeitos modeladores do "status quo". Por breves momentos, confere a Pingüim o estatuto de aliado, iludindo-o ao fazê-lo crer poder contar com uma companheira contra Batman. Seu comportamento destrutivo e móvel parece convidar Dionísio, o estrepitoso, a desnudá-la, pondo à mostra uma natureza constantemente renovada, transmutada; um ser de sete vidas. Quando irrompe no cenário de Gotham City, ameaça o equilíbrio coletivo, ocasionando o desespero e a ação imediata do super-herói.

Batman, é bom lembrar, evoca o humanismo burguês representante da recusa da parte sombria da sociedade e, por conseguinte, "acaba renunciando à perturbação da escória, declarando total simpatia aos temas profundos, reprovando o irrepreensível..." (MAFFESOLI, 1987). Na trama do filme, em volta do super-herói, sempre ronda o perigo da impotência. É o que complementa e ao mesmo tempo singulariza os dois - o super-herói e a super-humana -, visto que ambos fazem parte da dinâmica da sociedade: a ordem e o caos, a representação oficial da vida e a pulsão mais mortífera da vida. Mais uma vez é preciso enfatizar que, destruidora, potencialmente destruidora, a mulher-gato torna-se sujeito de diversas e minúsculas ilegalidades, ao contrário de Batman, que concentra sua ação nas grandes causas em defesa dos destinos da humanidade. Portanto, sendo parte ativa da estruturação do social, ela curto-circuita todos os emblemas da situação instituída, seus pulos traduzem toda a espontaneidade contida na irrupção aleatória da imprevisível e incontrolável revolta. Vive subversivamente o tempo presente, distinguindo-se da linearidade temporal suposta pela performance de Batman. Este mito que, mais uma vez retornado, parece supor a previsão e a racionalidade de um devir progressivo e linear. Ou melhor, o super-herói move-se por um caminho previamente traçado. Em contraposição, a super-humana vive nesta trama a metamorfose entre mulher e gato tão preciosa diante do enfrentamento trágico da diversidade de escolhas colocadas pelo presente. O trânsito na indeterminação é algo próprio daqueles que suportam a idéia de um futuro ignorado. As sete mortes e sete vidas, com sua repetição trágica,

transmutação que não se reporta a um devir e à espera de uma transformação situada num futuro, simboliza o êxtase de viver o presente. Seu senso do imediato constitui a subversão que lhe é inerente e a capacidade de “renascer” quantas vezes forem precisas. Evidentemente, a compreensão de Batman não alcança tais mutações. Para ele é inconcebível a idéia de que o enfrentamento da morte, vivido ritualmente, é o que permite a eclosão da vida. A queda da secretária Selina passa a significar a explosão súbita da metade maldita constitutiva do dado social. Mais uma vez vejamos Maffesoli a este respeito:

“A fascinação que a destruição exerce é tal. Somente porque ela é o signo de um máximo de vida, que tende a se exprimir, e é este máximo que condiciona a própria vida” (1987).

O quadro exposto acima leva a refletir sobre as categorias de ordem e desordem enquanto extensivas dos espaços da casa e da rua. O trabalho de Vera Telles (1991), discute o modo pelo qual é construído um sentido de ordem que, para produzir um efeito de verdade, exclui o pobre e classifica a pobreza como fonte natural do crime. A pobreza evocaria um estado de desordem a ser combatido, desencadeando-se uma operação limpeza com o intuito de reforçar a assepsia social. A sociedade narcisicamente não reconheceria o pobre como um seu igual e, por conseguinte, o pensaria em negativo. A figura social do pobre tornar-se-ia o avesso da ordem. Mas, em Gotham City, não vemos nenhum indício de pobreza. Pinguim e a Mulher-gato, anti-heróis, certamente não se enquadram no estereótipo do miserável destituído de bens materiais básicos ou supérfluos. No entanto, parecem viver em estado de “desapossamento simbólico”. Evidentemente, não em relação à falta de participação e direitos coletivos, mas no sentido de que se reportam à perdição, às condutas interditas e aos atos transgressores. Conforme salientei anteriormente, Pinguim revela uma faceta conservadora tão importante quanto é contagiante sua alegria para a estruturação social. Segundo este raciocínio, o que é o avesso da sociedade em Gotham? O que é o reverso da sua ordem? Em que a sociedade, retratada na trama cinematográfica, teme reconhecer-se? Um indício seria o medo e a repulsa por aqueles que são diferentes, e, portanto, dissidentes? De certo modo, os três personagens evidenciam-se pela diferença, apesar de dois deles, desejando assegurar uma posição considerável no corpo social, espelharem valores consensuais. Em Gotham City, parece não existir a figura social do incivilizado associado à condição da pobreza. A miséria, não existindo por lá, deixa de ser o elemento concentrador da desordem moral e da perversão de caráter. Nem o trabalho é necessariamente o critério a partir do qual são pensadas as categorias de ordem e desordem. Nenhum dos três personagens caracteriza-se imediatamente pelo trabalho. Selina trabalha, mas uma vez metamorfoseada em gato, insurge-se contra a identidade da secretária exemplar - mito do produtivismo, da eficiência

e da ordem. Dito de outro modo, os três personagens não são marginais em referência à lógica da honestidade, da humanidade e do respeito daqueles que singularizam-se por reconhecer um lugar subalterno diante das autoridades. A cidade, palco por onde desenrola-se a trama, vive problemas de administração, problemas de gerenciamento dos serviços como, por exemplo, a eleição para o cargo de prefeito. Os habitantes de Gotham têm assegurados seus meios de sobrevivência. Portanto, não se trata de nenhum reino da miséria e do pauperismo absoluto. Esta sociedade parece estruturar-se, como pensou Dukheim (1978), por laços orgânicos de solidariedade (integração), fazendo com que o universo do crime não seja definido pelos atentados contra a propriedade em si própria. São antes atos inconformes de destruição, promotores imediatos da desestabilização coletiva. As ameaças de Pingüim nos episódios do seqüestro das crianças e dos estragos dos preparativos da festa de natal, ilustram tal concepção que permite compreender e avaliar as marcas da transgressão. O "outro" (o reverso) também faz parte da civilização. Tanto Batman, quanto Pingüim e Mulher-Gato se utilizam das benesses da civilização. O que é considerado ato criminoso, nesta sociedade, é o desvio em relação às normas estabelecidas e aceitas coletivamente. São as ações e intenções que porventura firmam a ordem moral vigente. Os habitantes de Gotham, paradoxalmente, parecem saber conviver com o diferente. Mesmo resistindo à sua presença em meio ao convívio comum não precisam eliminá-lo pura e simplesmente. Não existem grupos de extermínio, mas sim o corpo policial sempre aquém das peripécias dos heróis.

IV - CONCLUSÃO

Os três personagens tomados como objeto de análise portam alguns aspectos da violência (no sentido da dissidência), do modo como aparece no pensamento de Maffesoli. Batman e Pingüim definem-se um a partir do outro. A Mulher-gato fixa-se mais na surpresa, no inusitado, no acontecimento. A personagem feminina simboliza o presente como subversão, fazendo com que sua aparição seja o ato da própria revolta, sacode as estruturas sociais e abala valores estabelecidos. No momento em que liberta a mulher das "garras" de um malfeitor, convida-a a deixar de ser mulher no sentido posto por nossa civilização. A irrupção súbita e impetuosa no sistema de valores estabelecidos emana dos três, seja negando-o, seja afirmando-o. Batman, evocando a ordem, Pingüim, a desordem, e a Mulher-gato o caos, parece uma composição por demais contemporânea para que a deixemos passar despercebida. Ainda mais quando considerada a evocação do mito, enquanto um elemento de conservação e de esvaziamento da realidade e da história.

“Os mitos não são nada mais do que esta solicitação incessante, infatigável, essa exigência insidiosa e inflexível, que quer todos os homens se reconheçam nessa imagem eterna, e contudo datada que deles se constitui um dia, como se isso o devesse ser para todo o sempre” (BARTHES, 1957).

BIBLIOGRAFIA

- BOUTHES, Roland. *Mitologias*. Edições 70, Coleção Signos, Lisboa, 1957.
- METZ, Christian et ali. *Psicanálise e Cinema*. São Paulo: Globo Editora, 1980.
- DAMATTA, Roberto. *A Casa e a Rua, Espaço, Cidadania Mulher e Morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas: os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- MAFFESOLI, Michel. *Dinâmica da Violência*, São Paulo: Edições Vértices, 1987.
- _____. *O Tempo das Tribos; o declínio do individualismo nas sociedades de massa*, Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- TELLES, Vera da Silva. *Questão Social e Cidadania*. Minas Gerais. Texto Mimeografado, 1991.